

EDITORIAL

Territórios em Mutação: Mapas do Sagrado e Outras Paisagens em Tempos Instáveis

*Ana Paula Fernandes Rodrigues*¹

A edição 2025 da Religare mostra a retomada do ritmo de publicação que fez sua marca, sua contribuição para a Área 44. A variedade e quantidade de temas (40 publicações - entre artigos, resenhas e dois dossiês) mostram o compromisso não-proselitista, decolonial e pluralista de nossa política editorial, que também se reflete nos trabalhos, publicações e eventos dos grupos de pesquisa dos docentes que compõem o PPGCR-UFPB – ao qual a Religare presta seu serviço.

A relação entre religião, política, espiritualidade, corpo e subjetividade está bem distribuída nesta edição. Em um contexto marcado pela pluralização das crenças, pela reconfiguração das práticas rituais e pela intensificação das disputas ideológicas no espaço público, os artigos contribuem para a compreensão dos fenômenos religiosos que exigem ultrapassar as abordagens tradicionais e adotar perspectivas interdisciplinares capazes de integrar dimensões simbólicas, sociais, subjetivas e históricas.

Os artigos sobre Ensino Religioso reiteram: práticas pedagógicas inclusivas dependem de formação docente adequada, onde o Ensino Religioso mostre-se ético, científico e não-proselitista, em conformidade com a BNCC. O uso de tecnologias, mídias digitais, gamificação, sala de aula invertida e HQs ampliam a compreensão dos conteúdos e protagonizam os alunos. A formação continuada é essencial para que professores reflitam e aprimorem a prática educativa; a experiência da Rede Salesiana é apresentada como testemunho disto - qualificando docentes para lidar com a pluralidade e os desafios contemporâneos.

O diálogo entre Žižek e o pensamento decolonial iluminaria a dimensão ideológica da religião: ora como mecanismo de alienação e manutenção da ordem, ora como espaço de resistência, reinvenção e produção de gnose liminar. As críticas niilistas de Nietzsche, em outro artigo, questionam a validade de conceitos como “fenômeno religioso” e desafiam neutralidade científica; revelam um dilema nas Ciências da Religião: elas tentam ser científicas e, ao mesmo tempo, reproduzem estruturas metafísicas, e o pós-teísmo surgiria como resposta

¹ Professora Associada do Departamento de Ciências das Religiões, do Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da UFPB. Editora-gerente da Revista Religare desde outubro/2024.

ao colapso de fundamentos transcendentais, propondo práticas religiosas não absolutistas.

Em um artigo centrado na história das religiões está a influência de Pettazzoni na Turquia, especialmente suas ideias sobre monoteísmo, mito e fenomenologia da religião.

Artigos cujo foco são rituais — presenciais, virtuais, coletivos, corporais ou cotidianos — os mostram como mecanismos estruturantes da vida social, articulando identidades, emoções, pertencimentos e formas de resistência. Rituais funcionariam como espaços híbridos onde se articulam disputas simbólicas, identidades e pertencimentos, onde a tecnologia intensifica a atomização social, permitindo ao indivíduo atuar como peregrino ou profeta digital.

O ritual tem longa história na ciência da religião, frequentemente associado à oposição entre crença e prática. Eventos performáticos indígenas aparecem ressignificando tradições e signos coloniais, produzindo novas formas de visibilidade e agência política. Os rituais pentecostais são analisados sob lógica própria: flexível, espontânea e marcada pelo contexto brasileiro, questionando a ideia de “rito frouxo”. No candomblé, aponta-se uma tensão entre cosmologias afro-brasileiras (fluidez) e normas coloniais (binarismo), o que revelaria disputas sobre gênero, corpo e tradição. Os rituais expressariam éticas e estéticas plurais da brasilidade, revelando saberes corporificados.

Ao mesmo tempo, evidencia-se que as instituições religiosas não atuam apenas no campo espiritual, mas participam ativamente das dinâmicas de poder, reproduzindo estruturas como o patrimonialismo, o clientelismo e o “coronelismo religioso”, que articulam capital simbólico e interesses políticos, revelando disputas internas e centralização de autoridade.

A análise decolonial aprofunda essas tensões ao mostrar como estruturas coloniais continuam moldando epistemologias religiosas, regimes de verdade e hierarquias simbólicas, bem como a própria leitura que Ocidente faz das espiritualidades indígenas, afro-brasileiras e periféricas.

A juventude, por sua vez, emerge nos artigos como território onde distintas forças simbólicas se encontram: disputas morais, experimentação ritual, vulnerabilidades psicológicas e busca por expressão subjetiva.

Também estão presentes trabalhos sobre a espiritualidade como dimensão terapêutica, especialmente em situações de sofrimento intenso, onde o *coping* religioso e práticas integrativas revelam a fé e a espiritualidade como favorecedores da resiliência emocional, criando novas formas de cuidado. Sobre as práticas integrativas, discussões sobre saúde mental e abordagens baseadas na Teoria Integral de Ken Wilber são apontadas como alternativas potenciais para o cuidado integral.

Ao lado disso, exposições sobre gênero e sexualidade tensionam tradições religiosas historicamente normativas, expondo conflitos entre conservadorismos doutrinários e a emergência de identidades LGBTQIA+ dentro das próprias comunidades de fé. Relações entre sexualidade/gênero e religião são moldadas por sistemas de poder e pela colonialidade, e neste arrasto normas sexuais binárias foram impostas pelo colonialismo europeu a culturas mais diversas; desta forma, narrativas religiosas participam da manutenção de desigualdades estruturais.

Com este mosaico contributivo evidencia-se que os fenômenos religiosos devem ser compreendidos não de forma isolada, mas como parte de um tecido social complexo no qual espiritualidade, política, corpo, identidade e ideologia se atravessam mutuamente. Estas variadas dimensões estão aqui oferecidas em uma leitura crítica e interdisciplinar, permitindo o entendimento ampliado das dinâmicas religiosas contemporâneas e de seus impactos na formação subjetiva, nas relações sociais e na organização simbólica do mundo.

Tal agregação não-proselitista, decolonial e pluralista também se mostra na produção dos docentes do PPGCR-UFPB. Apenas como exemplos: O Prof. Thiago Aquino, coordenador do grupo de pesquisas LAPLAE, lançou seu livro “Prática de espiritualidade e saúde centrada no sentido da vida” – focado na logoterapia de Viktor Frankl, marco teórico no qual é referência nacional, onde explora a aplicação da cura d'almas com pacientes da clínica médica do Hospital Universitário Lauro Wanderley (HULW - UFPB / Ebserh / MEC). A Profa. Ana Paula Fernandes Rodrigues, através do CURAS, seu grupo de pesquisas, trouxe Rodrigo Toniol presencialmente para a palestra “Terapias alternativas no SUS: riscos políticos e impasses teóricos” – aprofundando os debates dentro da sua linha de pesquisa em espiritualidade e saúde. O Prof. Vitor Chaves de Souza, e seu grupo de pesquisas TEOSFERA, realizou o “Seminário da associação Paul Tillich do Brasil” - propondo uma reflexão crítica e interdisciplinar sobre os laços entre religião, ética e política na sociedade contemporânea. O Prof. Marinilson Barbosa, coordenador do grupo de pesquisa FIDELID, publicou o livro “Religiões e religiosidades na Paraíba: um início de conversa” – visando a matriz curricular do Ensino Religioso na rede municipal de João Pessoa, com a qual o FIDELID mantém parceria na Formação Continuada dos professores. Também na área de Ensino Religioso a Profa. Rita Cristiana Barbosa, coordenadora do grupo de pesquisa TECLA, organizou o e-book “Literatura infantojuvenil, sagrado e ensino religioso” com as contribuições dos discentes do PPGCR a partir de um projeto de pesquisa seu, visando aproximar as Ciências das Religiões da prática pedagógica escolar. O Prof. Johnni Langer, e seu grupo de pesquisas NEVE, promoveu o “VIII Ciclo de debates do NEVE: A recepção dos mitos nórdicos” e o “XIII Colóquio de estudos vikings e escandinavos – sagas islandesas” – divulgando o aprofundamento das suas pesquisas na temática da mitologia nórdica. Profa. Dilaine Soares Sampaio – também editora-gerente da Religare - e coordenadora do grupo de pesquisas EPAHEY! publicou o livro “Religiões afro-

brasileiras”, dedicado aos povos de terreiro, buscando atender à necessidade de uma obra contendo densidade acadêmica e bússola para pessoas que não possuem conhecimento sobre essas religiões ou indicações sobre como aprofundá-los.

Igualmente se encontram esses preceitos reunidos no maior evento da Área 44 ocorrido este ano: o X Congresso Internacional da Anptecre – “Contemporaneidade e Religiões: Linguagens e Vivências”, em parceria com o PPGCR-UFPB; sob organização da Profa. Fernanda Lemos e com a Profa. Dilaine Sampaio na comissão científica, pela primeira vez ocorreu em uma universidade pública. Pela segunda vez, no Nordeste – sediado aqui em João Pessoa. Também pela primeira vez houve um GT e um ST voltados para a temática negra: Religiões afrobrasileiras e Teologia negra. Esta edição do Congresso apresentou o maior número de inscritos da sua história!

Mas o contexto de 2025 não pode ser esquecido: foi um ano difícil para todas as IES do mundo. As universidades – especialmente depois da pandemia de Covid-19 – foram surpreendidas com um intenso escrutínio público. São globalmente acusadas de custar muito caro (aos cofres públicos ou ao bolso dos matriculados) e de se mostrarem incapazes de preparar adequadamente seus estudantes para o mundo do trabalho – onde enfrentam desemprego em variados graus – e desta maneira não compensariam a relação custo X benefício para os que vão atrás de diplomas. Demonstrar o valor do ensino superior e das IES, ao invés de presumir que esse valor já está bem compreendido e apoiado pela sociedade, tornou-se item quase mensal na agenda dos gestores dessas instituições no mundo inteiro – além da busca por soluções para evasão de alunos e para a diminuição das receitas.

O cenário é agravado por uma erosão de confiança institucional, subfinanciamento crônico, desafios na transição digital, disrupção tecnológica causada por IAG e automação, enfraquecimento das democracias e instabilidade ambiental. Estas são algumas das conclusões da reunião internacional ocorrida em Ruanda, no mês de outubro passado (University of Rwanda, 2025).

É um claro chamado a ações, dentre outras, por “excelência, inclusão e alfabetização em inteligência artificial”. Por que razão? Como editora da Religare, verifiquei que nos periódicos de nossa Área é muito difícil encontrar nas Diretrizes para Autores normativas, regras específicas sobre o uso de IAG. Isto revela algo sobre o ensino superior em nosso país. Este silêncio indica qual a postura escolhida diante do problema, no mínimo. Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU (4.4, 4.6, 4B e 4C), está explícita a recomendação da alfabetização em IA, e as razões que a ONU/UNESCO já perceberam para isto (United Nations, 2025).

A força e espraiamento da IA generativa traz desafios historicamente desconhecidos à integridade acadêmica: não é como o caso do plágio - o uso de

IAG não deixa rastros claros, e gera interpretações divergentes entre estudantes e docentes sobre o que caracteriza o uso legítimo ou a má conduta. Políticas vagas e procedimentos administrativos inconsistentes levam a decisões imprevisíveis e contestáveis. O cerne não está apenas nas características desta nova tecnologia, mas na resistência já tradicional do ensino superior em remodelar, adaptar suas práticas.

A falta de entendimento compartilhado sobre IAG fragiliza a integridade dos processos e dificulta a adaptação de docentes e alunos, que acabam agindo como que ilhados e secretamente. Além disso, a alfabetização em IA é uma questão de equidade: estudantes de contextos privilegiados tendem a desenvolver fluência tecnológica, enquanto outros ficam para trás (University World News, 2025).

Iniciativas como a da universidade de Stanford (Stanford Agentic Reviewer, 2025), que lançou há poucos dias sua própria IAG gratuita que revisa manuscritos e emite parecer crítico (também em português!), auxiliando o autor a refinar sua escrita e exposição de ideias antes de escolher um periódico para a submissão efetiva desejada – prometendo não usar o conteúdo do manuscrito para treinamento desta sua IAG - exemplifica em nossa própria seara editorial e de produção acadêmica os agentes com os quais iremos cada vez mais dividir a mesa de trabalho.

A Religare agora coloca em suas Diretrizes para Autores instruções básicas, mínimas sobre o que e como é permitido usar IAG (considerando os limites e descompassos legais vigentes) na submissão dos manuscritos para nós.

Manter a integridade e o valor da pesquisa e do trabalho acadêmico tem-se tornado desafiador, e como periódico científico percebemos as mudanças com atenção e interesse. Se até 2030, conforme sugerido pela ONU/UNESCO (Unesco, 2024), as modificações sociais (e educacionais) serão de tal monta que nosso próprio trabalho e papel como pesquisadores, professores e agentes sociais ficará irreconhecível ou impraticável dentro dos atuais e históricos padrões, ainda estamos por ver; os dados não param de rolar.

Esta Revolução Industrial 4.0 pede aos de nossa profissão/papel/atuação não apenas atualização em recursos metodológicos e tecnológicos, mas também visão ampla, crítica, refinada e propositiva.

Para isto contribuimos com essas indicações. Se guiarem os colegas e leitores e trouxerem ajuda, teremos cumprido um pedacinho da nossa missão.

REFERÊNCIAS

UNESCO. Empowering minds: Highlights from a round table on Generative AI and Education in Asia-Pacific. Disponível em:

<https://www.unesco.org/en/articles/empowering-minds-highlights-round-table-generative-ai-and-education-asia-pacific#> 2024

UNITED NATIONS. The 17 Sustainable Development Goals (SDGs).

Disponível em: <https://unric.org/en/sdg-4/> 2025

STANFORD AGENTIC REVIEWER. Disponível em: <https://paperreview.ai> 2025

UNIVERSITY OF RWANDA. Disponível em: [International Association of Universities \(IAU\) International Conference 2025](https://ur.ac.rw/?International-Association-of-Universities-IAU-International-Conference-2025)

<https://ur.ac.rw/?International-Association-of-Universities-IAU-International-Conference-2025> 2025

UNIVERSITY WORLD NEWS. How AI is reshaping integrity, assessment in universities. Disponível em:

<https://www.universityworldnews.com/post.php?story=20251104143144527> 2025